



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB/CAMPUS IV  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH  
CURSO DE LETRAS**

**FRANCISCO SAULO AMÉRICO CARNEIRO**

**PRECONCEITO E VIOLÊNCIA EM O MUNDO PERDIDO DE ARTHUR CONAN  
DOYLE**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB  
2022**

FRANCISCO SAULO AMÉRICO CARNEIRO

**PRECONCEITO E VIOLÊNCIA EM O MUNDO PERDIDO DE ARTHUR CONAN  
DOYLE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades (CCHA/ CAMPUS IV) da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras.

**Orientador:** Prof. Auríbio Farias da Conceição

**CATOLÉ DO ROCHA – PB**

**2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C289p Carneiro, Francisco Saulo Américo.  
Preconceito e violência em o mundo perdido de Arthur Conan [manuscrito] / Francisco Sauloamerico Carneiro. - 2022.  
21 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2022.  
"Orientação : Prof. Me. Prof. Auribio Farias da Conceição , Coordenação do Curso de Letras - CCHA."  
1. Preconceito. 2. Racismo. 3. Violência. 4. Literatura. I.  
Título  
  
21. ed. CDD 800

**FRANCISCO SAULO AMÉRICO CARNEIRO**

**PRECONCEITO E VIOLÊNCIA EM O MUNDO PERDIDO DE ARTHUR CONAN  
DOYLE**

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Auríbio Farias da Conceição

---

Examinador: Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo

---

Examinador: Prof. Eianny Cecília Abrantes Pontes de Almeida

**CATOLÉ DO ROCHA – PB**

**2022**

Dedico este trabalho a Deus, a minha mãe Angeluce e a todos que sempre estiveram ao meu lado.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela oportunidade de concluir o curso de Licenciatura Plena em Letras – Português em Catolé do Rocha – PB.

Agradeço a minha mãe Angeluce por ter me incentivado e confortado com palavras de apoio durante minha graduação e na vida em geral.

Agradeço a UEPB pelo excelente trabalho de inclusão durante o meu tempo de formação acadêmica.

Agradeço ao professor e orientador Auríbio, pela paciência em me orientar e me ensinar de diversas formas.

Agradeço ao professor Rafael por ter sido um parceiro durante a graduação, bem como a professora Marta Lúcia por ter sido uma ótima professora e ouvinte.

Agradeço ao professor Fábio “Fabão” pelas belas lições com a literatura e ao professor Rômulo por ter sido um docente tão esclarecedor.

A Damiano e Caio, além de tantos outros que permaneceram ao meu lado durante a graduação, sendo eles acadêmicos ou não, obrigado.

“Todos os seres humanos compartilham a mesma linhagem sanguínea em razão de uma ancestralidade comum.”

## RESUMO

Os preconceitos étnico e racial fazem parte da história da humanidade desde os primórdios da civilização, gerando, como consequência, violência e desigualdade. Segundo o filósofo Aristóteles “a arte imita a vida”, assim, a literatura compreende as nuances da realidade e transformam em obras grandiosas. A obra clássica da literatura infanto-juvenil inglesa “O Mundo Perdido” do escritor Arthur Conan Doyle é um exemplo disso, bem como é a base de análise desta pesquisa. O presente trabalho tem como objetivo apresentar o preconceito racial e étnico e a violência existentes na obra através de uma análise bibliográfica e analítica. Para isso, utilizaremos como aporte teórico os estudos de Almeida (2019), Bechara (2011), Buarque (1958) entre outros escritores que contribuem tanto para a pesquisa sociológica sobre os preconceitos e as violências quanto para a perspectiva literária sobre nossa realidade.

**Palavras-Chave:** Preconceito. Racismo. Violência. Literatura.

## **ABSTRACT**

Ethnic and racial prejudice have been part of human history since the dawn of civilization, generating, as a consequence, violence and inequality. According to the philosopher Aristotle "art imitates life", thus, literature understands the nuances of reality and transforms them into great works. The classic work of English children's literature "The Lost World" by writer Arthur Conan Doyle is an example of this, as well as being the basis of analysis for this research. This paper aims to present the racial and ethnic prejudice and violence in the work through a bibliographic and analytical analysis. For this, we will use as theoretical support the studies of Almeida (2019), Bechara (2011), Buarque (1958) among other writers who contribute both to sociological research on prejudice and violence and to the literary perspective on our reality.

**Keywords:** Prejudice. Racism. Violence. Literature.

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
2. O Mundo Perdido de Doyle: Uma breve apresentação.....	12
2.1. Os personagens.....	12
2.2. A ambientação da história.....	13
3. Preconceito na Obra.....	13
3.1. O preconceito racial.....	14
3.2. O preconceito étnico-cultural.....	15
3.3. Elo Perdido: humano ou não humano?.....	18
4. A violência na obra.....	19
4.1. Disputa territorial.....	20
4.2. Guerra.....	20
5. Considerações Finais.....	21
Referências.....	22

## 1. Introdução

O preconceito étnico e racial se caracteriza como o “juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias” (ALMEIDA, 2019, p. 23). Diante desse pressuposto, compreendemos que a sociedade brasileira, construída culturalmente por uma elite branca e colonizada por portugueses e tantos outros europeus, que adotavam medidas e práticas violentas contra determinados povos e que eram escravagistas, por exemplo, ainda perpetua discursos discriminatórios para com minorias, como os índios e os negros.

Considerando que a arte é uma imitação da vida, compreendemos também que assim como as belezas e qualidades existentes na nossa realidade, os problemas e defeitos também são representados no âmbito artístico. A literatura ocupa espaço tanto no âmbito acadêmico quanto social, e como uma forma de manifestação artística, também contém os aspectos que citamos anteriormente.

Nesta perspectiva, buscamos apresentar em nossa pesquisa, como o preconceito étnico e racial, bem como a violência, são expostos na clássica obra da literatura infanto-juvenil inglesa de ficção científica “O Mundo Perdido” do escritor Arthur Conan Doyle (1912) através de uma análise bibliográfica e analítica.

Primeiramente faremos uma breve introdução sobre a obra supracitada, descrevendo aspectos sobre os personagens e sobre a ambientação da história. Posteriormente analisaremos como o preconceito étnico e racial são reproduzidos no livro, bem como falaremos um pouco sobre o Elo Perdido, aspecto que achamos interessante e relevante dentro da obra analisada. Por último, analisaremos como a violência ocorre no livro, resultando em disputas e guerras.

Acreditamos que nossa pesquisa é importante na contribuição tanto acadêmica, no que diz respeito aos estudos literários que analisam os aspectos sociais em diferentes obras, apresentando uma nova perspectiva sobre como o preconceito é construído a partir do clássico “O Mundo Perdido” (DOYLE, 1912), quanto no âmbito social, pois, ao utilizar um livro clássico da literatura de ficção científica que até mesmo se tornou filme, pode instigar o leitor ao pensamento crítico acerca dos problemas sociais que assolam tanto a literatura quanto sua realidade.

## 2. O Mundo Perdido de Doyle: Uma breve apresentação

### 2.1. Os personagens

Toda obra literária tem em sua construção a presença de personagens para garantir o desenrolar da trama. Doyle (1912) apresenta em “O Mundo Perdido” personagens que além de garantir uma grande obra da literatura infanto-juvenil de ficção científica, também apresenta as nuances da nossa realidade. Temos como personagens:

Professor Challenger – No desenrolar da trama o professor, que ministrava aulas esporádicas em um curso de medicina em Londres, viaja ao Brasil para realizar uma pesquisa de campo na Amazônia, bem como atendendo algumas pessoas que precisavam de auxílio médico em uma tribo indígena do local. Em uma das consultas que o médico realizava, descobriu um mapa dentro das coisas de um dos pacientes. Neste mapa continham desenhos que mostravam dinossauros em uma paisagem ancestral, e ao deslumbrar-se com o achado, decidiu explorar sozinho o Platô, embora não tenha obtido êxito. Ao retornar à Inglaterra, o professor começa a fazer afirmações sobre a existência de dinossauros em um local da Amazônica, especificamente no Brasil. O pesquisador resolve realizar uma nova expedição científica para encontrar o mundo perdido, colocando a sua carreira científica em risco.

Professor Summerlee – É o personagem que se oferece para comprovar *in loco* se as informações apresentadas por Challenger à Universidade eram verdadeiras ou não. É apresentado como o rival acadêmico do Professor Challenger.

Lord Roxton – É um milionário egocêntrico e que pratica caça esportiva em locais de preservação ambiental tanto na África quanto no Brasil, ainda assim, ele se autoproclama um grande defensor dos Direitos Humanos.

Malone – O narrador-personagem da história. É descrito como o jornalista iniciante que ficou com a missão de registrar o dia a dia da expedição do Professor Challenger e publicar no Daily Gazette, um jornal impresso de Londres, bem como era encarregado de enviar cartas para o editor do jornal. Deveras preconceituoso, o personagem se mostra racista, elitista e compara em várias passagens as pessoas aos animais de forma pejorativa, principalmente contra os brasileiros negros e indígenas.

Zambo – Um dos guias da expedição e também cozinheiro e carregador de malas da missão. É alvo de comentários racistas por parte de Malone em suas cartas ao Daily Gazette, bem como em diversas falas no decorrer do livro.

Gomez – O personagem também é apresentado como um guia para a expedição bem como cozinheiro e carregador de malas. É irmão de Pedro Lopez, um traficante de escravos indígenas que foi morto posteriormente por Lord Roxton, quando o lord decidiu que iria liberar os índios que estavam sendo escravizados. Bastante vingativo, Gomez tenta sabotar a expedição a todo momento. Se revela como irmão de Pedro durante a viagem, momento em que Lord Roxton o reconhece.

Manuel – Um amigo de Gomez e comparsa na trama da vingança contra o Lord Roxton.

Mojo – Um índio que possui o nome da tribo aculturada onde Challenger atua como médico.

José e Francisco – Indígenas da Tribo Mojo Elcana.

Attaca e Ipettu – Indígenas contratados para reforçar a equipe durante a expedição.

Elos Perdidos – Preconceituosamente chamados de homens macacos, reúnem características sociais humanas, porém corpos com resistência animal.

Tribo Ancestral – Brigam com os Elos Perdidos pelo Platô, ondem convivem mutuamente. Sempre perdem as lutas contra os Elos.

## **2.2. A ambientação da história**

O ambiente representado no livro tem início em Londres, Inglaterra e finaliza na Amazônia Brasileira, local onde ocorre a expedição. As belezas naturais da flora e fauna amazônica são exaltadas pelos personagens do livro, principalmente os europeus. “Toda a planície brasileira parecia estender-se a nossos pés” (DOYLE, 1912, p. 67)

## **3. Preconceito na Obra**

Segundo Bechara (2011) o preconceito é uma atitude genérica de rejeição de ideias, grupos e pessoas com base em sexo, raça, nacionalidade ou naturalidade. Na obra utilizada, analisamos a construção dos preconceitos no

enredo, tendo como perspectiva compreender a visão preconceituosa do explorador europeu.

### **3.1. O preconceito racial**

Segundo Bechara (2019, p. 1060) o racismo se caracteriza como uma “atitude de preconceito, discriminação ou até mesmo hostilidade em relação a certos segmentos sociais.” Ou seja, é uma maneira de manter certos segmentos sociais em determinadas posições de exploração. O preconceito racial tornou-se prática constante na nossa sociedade, mais precisamente desde o início movimento das colonizações. Almeida (2019, p. 18) afirma que “por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico. Assim, a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas.”

Neste subtópico observamos os aspectos do preconceito racial a partir da abordagem desrespeitosa do jornalista Malone no desenrolar da obra. O personagem tem ideias retrógradadas, algo que deveria ser diferente, tendo em vista que é um profissional conhecido e que além de vivenciar, reporta a sua realidade para os meios de informação para o qual trabalhava. Em suas cartas ao jornal refere-se a Zambo como “um bom negro”, critica a postura de Gomez e o caracteriza como um “mestiço” de forma racista e compara algumas pessoas a animais, é importante salientar que quando o jornalista faz a comparação entre humanos e animais, ele o faz apenas com os personagens negros e indígenas, bem como brasileiros, ao contrário do comentários aos europeus ricos, como o Lord Roxton, por exemplo, cujo é descrito como um homem fino, educado, cavalheiro da alta sociedade londrina, reconhecido sempre pelo seu portar de classe.

Assim como na sociedade, na obra o negro é discriminado. Na construção do texto, ele aparece em papéis de pouco destaque, além de representando a realidade que vivemos. A partir das cartas dirigidas ao jornal Daily Gazette, bem como a partir de passagens do Malone enquanto narrador da história, podemos compreender a verossimilhança que existe entre realidade-literatura. Percebemos isso a partir de passagens, como por exemplo: “Zambo, um negro gigantesco, dócil como um cavalo e pouco mais inteligente do que esse animal.” (DOYLE, 1912,

p.50), e “O bom negro, que nos mostrava todos os dentes do outro lado do abismo.” (DOYLE, 1912, p. 72).

As referências a “bestialidade” e “ferocidade” demonstram como a associação entre seres humanos de determinadas culturas, incluindo suas características físicas, e animais ou mesmo insetos é uma tônica muito comum do racismo e, portanto, do processo de desumanização que antecede práticas discriminatórias ou genocídios até os dias de hoje. (ALMEIDA, 2019, p. 20)

Almeida (2019) em sua obra *Racismo Estrutural* afirma que o conceito de discriminação direta pressupõe que as pessoas são discriminadas a partir de um único vetor, bem como que uma imposição de tratamento desvantajoso requer a existência da intenção de discriminar. O racismo estrutural é, portanto, a ideia de justificar a discriminação. De acordo com o teórico, é um sistema que direciona um tratamento a determinados grupos étnicos da sociedade para validar a exploração tanto no passado quanto no presente. No livro analisado, observamos o trato para com o personagem Zambo, por exemplo, que é discriminado por sua raça com a desculpa de que ele merece ser maltratado pelo fato dos seus antepassados terem sido escravos.

Na sociedade em geral, o mestiço tendia a ser visto como o mais degenerado, pensamento este que pode ser identificado também como racismo (ALMEIDA, 2019). No livro, os mestiços são apresentados através do olhar preconceituoso contra os personagens Gomez e Manuel. São colocados para trabalhar em funções pesadas, bem como revelam-se vilões, reflexo também dos pensamentos da nossa realidade, uma vez que tentam sabotar a todo momento a expedição. Pode-se perceber isto através de passagens como: — Sim — disse Gomez, intervindo na conversa com a sem-cerimônia peculiar à sua raça.” (DOYLE, 1912, p. 55), “O mestiço olhou-me com certo desprezo.” (DOYLE, 1912, p.55), ou “enquanto os mestiços preparavam o café, não resistimos à tentação de iniciar a escalada.” (DOYLE, 1912, p. 64), bem como quando “— Fui um idiota. Deveria ter-me dado conta de que essa gente não esquece passado,” (DOYLE, 1912, p. 72).

### **3.2. O preconceito étnico-cultural**

Desde que Colombo chegou a América e Pedro Álvares Cabral ao Brasil, os índios sofreram com os processos de colonização das terras nativas e passaram a

ser explorados pelas potências europeias. Em *O Mundo Perdido*, Doyle (1912) representa esses acontecimentos de forma clara. Na expedição realizada, os índios que participam da trama, Mojo, Francisco, José, Attaca e Ipetto, são representados pelas Tribo Ancestral e Tribo Mojo Elcana, que convivem mutuamente o Platô.

O tratamento de abordagem direcionada aos índios é totalmente preconceituosa, querendo transmitir a ideia de que eles seriam povos atrasados, pelas suas formas de vida, costumes e cultura. O próprio professor Challenger, na obra, pratica essa violência social, observamos essa característica em passagens como: “— Os índios da Tribo Eucana são hospitaleiros, mas estúpidos” (DOYLE, 1912, p. 27); “minha fama de médico era tal que o próprio cacique veio buscar-me para atender a um doente.” (DOYLE, 1912, p. 27); “— Podem ser subdesenvolvidos — disse sabem reconhecer quem lhes é superior” (DOYLE, 1912, p.113).

“A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados” (ALMEIDA, 2019, p.23). Identificamos esse “tratamento diferenciado” para com os índios, e a atribuição de características que os subjugam a inferiores é algo completamente voltado à supervalorização do Europeu, que no livro são representados pelos britânicos como a raça valorizada e os indígenas sul americanos como inferiores e atrasados.

A nação Brasileira sempre sofreu com certas representações distorcidas e preconceituosas no que se refere a história da colonização, bem como por sua cultura e modo de vida, a clássica obra de Doyle (1912) que aqui está sendo analisada, é uma das representações mais antigas nesse sentido. Na realidade, há uma exposição dessas representações, por exemplo, quando falam sobre fronteiras mal definidas, descaso governamental e abandono da população.

Encontramos esse aspecto, por exemplo, quando “alguns anos antes, Lorde Roxton participava de uma expedição que percorria o território entre as mal definidas linhas fronteiriças de Peru, Brasil e Colômbia” (DOYLE, 1912, p. 59).

De acordo com Bechara (2011, p. 610) uma fronteira é uma “linha divisória entre países, territórios, estados”. Na obra de Doyle (1912) apresenta-se uma crítica contundente às diferenças entre os territórios europeu e brasileiro. No trecho “alguns anos antes, Lorde Roxton participava de uma expedição que percorria o território entre as mal definidas linhas fronteiriças de Peru, Brasil e Colômbia” (DOYLE, 1912, p. 59), por exemplo, observamos essa crítica a partir da narração de Malone sobre a

falta de fiscalização na fronteira, onde qualquer um pode fazer o que quer do jeito que bem entender, diferente da Europa.

A visão do jornalista e outros membros da exploração é a de que o Brasil é um parque temático de diversão, próprio para o turismo. Segundo Bechara (2011, p. 1261) o turismo se caracteriza como a “prática de viajar por prazo relativamente curto para fins de recreio no país ou no exterior”. Partindo dessa definição, compreendemos que ela se encontra em sintonia com a ideia apresentada por Doyle (1912) em *O Mundo Perdido*. Embora na trama os personagens estejam em missão oficial a serviço do Instituto de Zoologia de Londres, a postura que eles têm é de uma viagem a “um parque de diversões” afinal, para que chamar um caçador esportivo se a expedição é científica? Porque não era totalmente uma exploração científica, haviam nas entrelinhas, interesses pessoais, principalmente no que se refere ao Lord Roxton.

As culturas das nações colonizadas sempre sofreram com o acultramento, sendo este a assimilação de conteúdos culturais de outras nações, ou seja, na prática, ocorre a perda da identidade nativa, dos indígenas e outros povos que passaram pelo mesmo processo. Na obra analisada, esse fenômeno é apresentado por Doyle (1912) quando os índios da Tribo Mojo Elcana falam uma espécie de português. “O peculiar idioma dos índios daquela região — composto de um terço de português e outros dois terços de vários dialetos”. (DOYLE, 1912, p. 50).

Segundo Bechara (2011, p. 964) o termo peculiar se conceitua como sendo “próprio de uma pessoa ou coisa, especial, próprio, característico”, ou seja, quando Malone faz referência à expressão “peculiar” está sendo crítico e preconceituoso, considerando que os idioma falado pelos nativos eram uma mistura de português e espanhol, línguas e nações que o jornalista considerava inferiores devido ao fato dele ser britânico e existir, naquela época, uma disputa entre os países para com as expedições colonizadoras.

Outro aspecto que Malone cita em suas falas é o fato de os nativos praticarem roubos, os colocando como violentos e indignos de confiança. Podemos observar esse aspecto na passagem descrita na página 95 da obra. “O índio pode buscar. — Quem é ele? — perguntei. — Um dos que estavam com a gente. Os outros bateram nele e lhe roubaram o dinheiro. Ele voltou e está pronto para ajudar...” (DOYLE, 1912).

Além disto, percebemos também o fato do índio ser tratado como serviçal durante o decorrer da trama. Segundo Almeida (2019, p. 15) “o racismo é sempre estrutural, ou seja, ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade.” Essa forma de tratamento para com os índios é retratada como uma forma de “política colonial” de exploração dos povos nativos, no qual os índios tinham a obrigação de servir aos europeus.

De acordo com Bechara (2011, p. 311) civilização é um “conjunto de caracteres próprios: a vida intelectual, artística, moral e material de um país ou de uma sociedade. O preconceito contra civilizações na obra *O Mundo Perdido* é na verdade uma representação de um acontecimento real que permeou a sociedade europeia desde a época das colonizações, e permeia até hoje o imaginário popular de muitas pessoas que possuem a definição errônea sobre o que é civilização. Doyle (1912, p. 53) apresenta esse aspecto, por exemplo, quando em decorrência da viagem para a expedição os pesquisadores romperam “o último laço que nos ligava a alguma forma de mundo civilizado. “

“Foi esse movimento de levar a civilização para onde ela não existia que redundou em um processo de destruição e morte, de espoliação e aviltamento, feito em nome da razão e a que se denominou colonialismo.” (ALMEIDA, 2019, p. 19). Em *O Mundo Perdido*, observamos a ideia equivocada de que apenas a Europa, em especial a Inglaterra, seriam sociedades civilizadas, ao contrário dos índios. Essa ideia é defendida pelos personagens, por exemplo quando os britânicos querem ressignificar a cultura indígena, inserindo aspectos da cultura europeia, ocorrendo quando tentam realizar essas ações contra a Tribo dos Índios Acalás, que preservavam suas características culturais.

### **3.3. Elo Perdido: humano ou não humano?**

Consideramos que essa é uma das partes fundamentais da obra *O Mundo Perdido* (DOYLE, 1912), pois apresenta um ser ancestral aos seres humanos modernos que reúne habilidades animais e humanas, como o vigor físico acima do homem moderno, pés semelhantes aos de chimpanzés modernos. Ou seja, um arborícola habilidoso, com pés voltados para escalada, possuíam pelagem grossa em todo o corpo, bem como uma postura ereta, não possuíam caudas e tinham a resistência acima da humana, tinham coordenação motora nos membros superiores,

ou seja, utilizavam as mãos, porém as maiores habilidades que os tornam humanos é a inteligência, a utilização de tecnologias como o uso do fogo, a fabricação de armas e ferramentas semelhantes às que os índios Acalás fabricavam, bem como produziam cordas, gaiolas, instrumentos musicais, domésticos, além de possuírem sentimentos humanos, como o amor, o ódio, a amizade. Possuíam também um dialeto próprio.

Segundo Darwin (1974) em sua obra *A Origem do Homem e a Seleção Sexual*, descreve que o homem, “como qualquer outra espécie descendeu de outra forma qualquer pré-existente”. Assim, o homem que teria vivido na América no tempo dos animais gigantes, estaria hoje extinto. Em *O Novo Mundo*, observamos a possibilidade do homem europeu conseguir explorar as terras pré-históricas, pois, ele “teria sido povoado na mesma época em que surgiu o homem na Europa.” (HERMIDA, 1958, p. 16)

De acordo com Almeida (2019, p. 17) “o homem foi construído pela filosofia moderna”. A partir dessa afirmação, compreendemos que o ser humano é o Elo Perdido, e os índios Acalás, Elcanas, bem como os personagens Gomez, Manoel, Zambo e também os britânicos são todos seres humanos, porém a prática preconceituosa dos europeus para com os outros povos se torna uma arma de dominação colonial.

#### **4. A violência na obra**

Segundo Bechara (2011, p. 1293) a violência é o “emprego ilegítimo da força física para se obter alguma coisa”. Partindo desse pressuposto, destacamos os aspectos de violência presentes na obra *O Mundo Perdido*, observando essas nuances dentro do contexto de domínio do Platô, tanto entre os Elos Perdidos quanto entre os indígenas e os europeus, que brigavam pelo território, em passagens como: “Com os nossos rifles, eu e lorde Roxton fizemos terrível morticínio.”(DOYLE,1912, p. 104), “nossos tiros eram tão certos e causavam tal morticínio em suas fileiras que eles acabaram tomados de pânico, procurando fugir afoitamente, com estupidez tamanha”, “Nunca vi tanto sangue em minha vida.” e “Andávamos pelo meio de verdadeiros montes de cadáveres.” (DOYLE,1912, p. 117)

Dois dos homens-macacos seguraram um dos índios e arrastaram-no. O chefe fez um gesto. Seguraram o índio pelos braços e pelas pernas, balançaram-no duas ou três vezes e atiraram-no com tanta

força que o corpo descreveu uma longa curva no ar antes de cair. (DOYLE, 1912, p. 105).

#### **4.1. Disputa territorial**

A disputa territorial sempre existiu na história da humanidade e está atrelada a violência de grupos que se enfrentam não apenas pelo território, mas também pelo domínio das regiões férteis para a agricultura, criação de animais, pesca, entre outras atividades desenvolvidas.

Em *O Mundo Perdido*, não é diferente. A disputa de território é representada pelo conflito entre os Elos Perdidos e os Índios Modernos, bem como a participação dos expedicionários ingleses, em especial o Lorde Roxton que contribuiu com os índios Acalás no Platô e decidem uma nova era de domínio do Homo Sapiens no local.

#### **4.2. Guerra**

A guerra aconteceu na história de milhares de nações colonizadas, com a intenção de eliminar as resistências locais e implantar a cultura de outra civilização. Na obra analisada, percebemos nas atitudes do Lord Roxton, a intenção de se aproveitar das rivalidades existentes entre os Elos Perdidos e os Índios Acalás, para eliminar o máximo de “impedimentos possíveis” para implantar a exploração colonial britânica naquele local, durante a guerra, percebemos essas nuances em passagens, como por exemplo, “indígenas e homens-macacos há entre eles guerras de morte.” (DOYLE, 1912, p. 99) ou “homens-macacos, que, às vezes, abatiam quatro ou cinco índios antes de serem atingidos” (DOYLE, 1912, p. 116).

As consequências da guerra foram terríveis inclusive para os vencedores. Na obra de Doyle (1912), embora o livro apresente o “sucesso dos índios Acalás sobre os Elos Perdidos com o apoio de Lorde Roxton e das armas modernas”, o Platô ficou mais fácil de ser explorado, uma vez que apenas uma tribo poderia oferecer resistência, e mesmo assim os Acalás acreditaram em Lorde Roxton, ou seja, eles seriam explorados. O livro nos revela esse destino após a dominação por parte dos índios com a ajuda do Lorde, com a implantação da escravidão: “Homens Macacos, todos os machos adultos haviam sido exterminados, e os índios vitoriosos levaram suas mulheres e filhos para uma vida em cativeiro.” (DOYLE, 1912, p.118), bem como

Depois da vitória retumbante sobre os homens-macacos, suas fêmeas e filhotes — sobreviventes do massacre — haviam sido aprisionados nas cercanias das cavernas. De agora em diante, tornar-se-iam escravos dos índios, repetindo-se naquelas paragens perdidas o destino de incontáveis povos que, ao longo da história, haviam se transformado no butim humano pilhado pelo vencedor. À noite, podíamos ouvir seus gritos pesarosos, lancinantes, pranteando a liberdade destituída e também, talvez, a nostalgia pelo tempo recente em que eram poderosos naquele mundo rudimentar e primitivo. (DOYLE, 1912, p.119-120)

Tendo mandado lapidar um dos diamantes e verificado que é dos melhores, resolvi convidá-los para jantar comigo e ouvir este último relatório. Pois eu volto ao platô. Com este dinheiro vou organizar uma expedição com todos os elementos para instalar-me ali durante pelo menos um mês. (DOYLE, 1912, p.143-144)

## **5. Considerações Finais**

Considerando que a arte é uma imitação da vida, compreendemos também que assim como as belezas e qualidades existentes na nossa realidade, os problemas e defeitos também são representados no âmbito artístico. A literatura ocupa espaço tanto no âmbito acadêmico quanto social, e como uma forma de manifestação artística, também contém os aspectos que citamos anteriormente.

Nesta perspectiva, apresentamos em nossa pesquisa, como o preconceito étnico e racial, bem como a violência, são expostos na clássica obra da literatura infanto-juvenil inglesa de ficção científica “O Mundo Perdido” do escritor Arthur Conan Doyle (1912) através de uma análise bibliográfica e analítica.

Primeiramente falou-se brevemente sobre os personagens da obra, e nessa análise podemos identificar os estereótipos culturais e étnicos que os envolviam, considerando os europeus, brancos, estudiosos e pesquisadores, a exemplo dos Professores Challenger e Summerlee, o Lord Roxton e o jornalista/narrador Malone, enquanto os índios e negros, eram tratados como inferiores e discriminados, como Zambo, Gomez, Manuel, Mojo, José, Francisco, Attaca e Ipettu, bem como os Elos perdidos que eram pejorativamente chamados de homens macacos.

Percebeu-se também o preconceito para com o Brasil, país no qual a história se desenvolve, primeiramente anunciada como um lugar de belezas exóticas e

depois interpretada como um local de diversão, culturalmente subdesenvolvido, o que posteriormente viria a se tornar alvo de interesses pessoais e econômicos.

No que se refere os preconceitos na obra, observou-se que o preconceito é uma atitude genérica de rejeição de ideias, grupos e pessoas e dentro da obra ele é representado tanto pelo racismo quanto pelo preconceito étnico e cultural. Em *O Mundo Perdido*, a expedição realizada leva o personagem Malone inferir discursos e falas discriminatórias, tanto enquanto narrador da história, quanto em seus relatos sobre a expedição ao *Daily Gazette*, jornal para o qual trabalhava. Outro ponto analisado foi a posição social do negro e o mestiço na obra, os quais aparecem em pouco destaque e quando ocorre é de forma inferior, representados por seres em evolução e em alguns momentos comparado à animais.

A posteriori, apresentou-se como a violência ocorre dentro da obra de Doyle (1912). Analisou-se como se desenvolveu a guerra no Platô, tanto entre os Elos Perdidos, quanto entre os indígenas e europeus quando disputavam o território brasileiro, situação que ocorria em sua maioria pelos interesses de dominação e exploração do europeu colonizador.

Acreditamos que nossa pesquisa se faz importante para a contribuição tanto acadêmica, no que diz respeito aos estudos literários que analisam os aspectos sociais em diferentes obras, apresentando uma nova perspectiva sobre como o preconceito é construído a partir do clássico “*O Mundo Perdido*” (DOYLE, 1912), quanto no âmbito social, pois, ao utilizar um livro clássico da literatura de ficção científica que até mesmo se tornou filme, pode instigar o leitor ao pensamento crítico acerca dos problemas sociais que assolam tanto a literatura quanto sua realidade.

### Referências

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural (Feminismos Plurais)**. São Paulo: Editora Jandaíra. 2019.

BECHARA, Evanildo Cavalcante. **Dicionário escolar da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Nacional, 3. ed., 2011.

DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. São Paulo: Editora Planeta Vivo, 2009.

\_\_\_\_\_. **A origem do homem e a seleção sexual**. São Paulo: Editora Hemus, 1974.

DOYLE, Arthur Conan. **O Mundo Perdido**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1912.

HERMIDA, Antônio José Borges. **História das Américas**. São Paulo: Editora do Brasil, 35 ed., vol. 47, 1956.

SOUZA, Alcindo Muniz. **História da América**. São Paulo: Cia Editora Nacional. 5. ed., 1952.